



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
VOLUNTÁRIA – PICVOL

**O PODER É MANDADO, MAS O “JOGO” É JOGADO, NARRADO
E FILMADO!
FUTEBOL, DITADURA E SUAS REPRESENTAÇÕES NO CINEMA
BRASILEIRO**

CIÊNCIAS HUMANAS

Relatório Final
Período: (Setembro 2020) a (Agosto 2021)

Este projeto foi desenvolvido com bolsa de iniciação científica

PICVOL

Orientador: Hamilcar Siveira Dantas Junior
Autor: Weverton Paulo dos Santos

SUMÁRIO

1. Introdução.....	3
2. Objetivos	6
3. Metodologia.....	6
4. Revisão de literatura.....	9
5. Resultados e discussões.....	17
6. Conclusões.....	23
7. Perspectivas de futuros trabalhos	24
8. Outras atividades.....	24
9. Referências bibliográficas.....	24

1. Introdução

O tão propalado discurso do Brasil como “o país do futebol” se enraizou no imaginário popular de tal modo que posições divergentes, mesmo amparadas em fatos concretos são imediatamente refutadas por este slogan autoevidente e autoexplicativo. Para Hilário Franco Junior (2013), se colocarmos o número de praticantes, os públicos pagantes aos grandes campeonatos nacionais, o consumo de periódicos especializados, a exportação de nosso “pé-de-obra” e mesmo os títulos internacionais, esse discurso não se sustenta. Para o historiador,

O Brasil carece, no futebol e na vida, de um olhar realista, equilibrado, não de autoimagens enganosas. Poder-se-ia, então, começar por esta constatação – o Brasil é país de bons futebolistas, não o país do futebol. E despindo-se dessa máscara, falsa, talvez ele possa finalmente ser mais do que isso (FRANCO JUNIOR, 2013, p. 55).

Tal imaginário foi solidificado, em larga medida, pela conquista da Copa do Mundo de Futebol no ano de 1970 no México. Essa conquista revelou ao mundo uma das mais brilhantes gerações de futebolistas da nossa história, alguns já em fim de carreira, a exemplo de Gérson e Pelé, e outros em seu apogeu, tais como Rivelino e Clodoaldo. Faz-se mister considerar que essa representação social do futebol penetra o âmbito de configuração da própria nacionalidade brasileira. Esse tricampeonato mundial de futebol conquistado pela seleção impactou de tal modo nosso imaginário que, em nossa memória social, auras mágicas e criativas dos atletas estavam a serviço da nação.

Se tal perspectiva mitológica se enraizou no seio popular, não se tornou muito diferente no seio da intelectualidade, outra construção mitológica: os usos do futebol para alienação das massas. No seio de grande parte da intelligentsia brasileira, em que pese a vigência do AI-5¹ e o recrudescimento do regime de terror perpetrado pela ditadura civil- militar, consolidou-se uma interpretação linear entre o êxito futebolístico e os usos políticos da conquista. Parto do pressuposto que o cinema, enquanto agente histórico que não apenas ilustra, mas recria e redimensiona a história e seus diferentes contextos criou leituras distintas daquele momento e suas representações, principalmente quanto às relações com o futebol.

¹ Em 13 de dezembro de 1968, o Conselho de Segurança Nacional, sob a direção do Presidente da República General Costa e Silva editou o Ato Institucional n.º 5. A rigor, uma supressão completa de quaisquer direitos garantidos pela Constituição outorgada no ano anterior. Previam-se: cassações de mandatos, demissões sumárias, suspensões de direitos políticos, suspensão de Habeas Corpus, de liberdade de expressão e reunião, confisco de bens entre outros atos arbitrários (GASPARI, 2014). Dava-se início à fase mais brutal da ditadura civil-militar brasileira, os chamados “anos de chumbo”.

Na década de 1960, o Brasil vivia um momento de grande entusiasmo esportivo. O bicampeonato mundial de futebol, o bicampeonato mundial de basquete masculino, os cinturões de ouro de Éder Jofre no boxe e os títulos de Maria Esther Bueno nas quadras de tênis de Wimbledon davam ao Brasil, um status de crescente potência esportiva. Esses resultados esportivos repercutiram em um ambiente efervescente de idéias, no qual o esporte era expresso nas artes, na educação e na política. No entanto, a corrente interpretativa dominante foi a que vinculou a massificação do futebol como uma orquestração diabólica para entorpecer a população, sendo um "ópio do povo". Tal leitura estabeleceu, conforme Roberto Da Matta (1982, p. 22), um ranço intelectual que cindiu as possibilidades explicativas do futebol na sociedade brasileira: "só quem sabe o real papel do futebol na sociedade brasileira é a camada dominante (que o utiliza como ópio das massas) e os críticos da sociedade. A massa permanece na escuridão de sua idiotice crônica, incapaz de perceber seu sistemático engano".

Tomamos por princípio a necessidade de oposição a essas leituras, buscando verificar suas raízes e seus conflitos nas representações construídas no cinema brasileiro. Entendo que a memória brasileira foi enquadrada com base na leitura linear de uma mudança involuntária da história, qual seja, uma das mais brilhantes gerações de futebolistas brasileiros vence uma Copa do Mundo no momento mais repressivo de uma ditadura! Óbvio que tal vitória foi capitalizada pelos militares, todavia é possível pensarmos se havia uma confusão entre o ambiente político e a expressão esportiva como cultura. Algumas posições radicalizaram-se e alinharam esporte e ditadura, enquanto outras tiveram a capacidade de perceber as contradições em torno do processo. Daqui partimos para compreender essa relação e a configuração dessas representações do futebol nas telas.

Contextualização do Problema e bases teórico-metodológicas

De saída, é preciso relativizar as apropriações do futebol pelo governo ditatorial, sobretudo é necessário desconfiar das percepções do povo acerca dessas apropriações, assim como das percepções dos opositores do regime no poder.

Alguns relatos memorialísticos de guerrilheiros da luta armada desvelam a angústia presente: torcer ou não torcer pela seleção? Alfredo Sirkis (1998) lembra que, mesmo em meio à guerrilha, era impossível não torcer pela seleção. O êxtase contrastava com a tristeza de que a vitória seria manipulada pelo governo como triunfo do "país da alegria, do desenvolvimento, do futuro". Já Fernando Gabeira (2009) afirmava que a torcida pela

Tchecoslováquia no primeiro jogo do Brasil na Copa não resistiu ao primeiro gol de Rivelino. Explosão de euforia e gritos de Brasil ecoaram no esconderijo onde estavam os guerrilheiros.

Generalizar que o povo brasileiro assistiu "bestializado" à Copa, e os militares usaram esse fato como propaganda, é limitar a capacidade de percepção do mundo por parte dos homens, bem como, é descuidar de alguns dados históricos concretos. Marcos Guterman (2006) ressalta que a imagem do Presidente Médici assistindo à Copa pela televisão ou ouvindo a transmissão pelo rádio não foi inventada pela ocasião: o General Médici era, defato, um notório entusiasta do futebol, torcedor fanático do Grêmio de Porto Alegre, a ponto de afirmar, que seu jogador preferido no selecionado, era Everaldo, por sinal o mais limitado tecnicamente, porém o único jogador gremista a ir à Copa.

As imagens do Presidente-ditador como "torcedor", eram comuns à maioria dos chefes de Estado que tendiam a transformar vitórias do esporte em vitórias políticas, sejam eles democratas ou tiranos, liberais ou socialistas. Todavia, uma análise das propagandas oficiais do governo Médici revela que não foi feita nenhuma associação ao esporte, principalmente o futebol. Uma possível exceção seria a campanha que convocava a população a investir na Loteria Esportiva Federal, entretanto o foco da campanha foi mais o incentivo à ascensão social e auxílio aos programas sociais, do que ao futebol (AZEVEDO, 2006).

O confronto entre os críticos e as práticas me parece ratificar que existe, de certo modo, um ranço intelectual com o esporte que, dadas as suas dimensões catárticas e populares, é visto como algo superficial, incapaz de ser um "termômetro" de aferição da dinâmica histórica³. Afirmei alhures (DANTAS JUNIOR, 2012), que o processo de aceitação e resistência do esporte no Brasil foi sempre conflituoso. Foi alvo de crítica, mas também de manifestação crítica das mazelas sociais, sendo possível apreendê-lo nas manifestações artísticas da época, na efervescência cultural juvenil e no olhar de alguns intelectuais, enquadrando sua memória, ora como foco de alienação ora como forma legítima de manifestação da nacionalidade. Na música foram notórias as manifestações de Sérgio Ricardo com "*Beto bom de bola*" (1967) e Jorge Ben com "*Fio Maravilha*" (1972), nos Festivais da Canção. No teatro, por idealização de Dias Gomes (2004), encenaram-se as aflições dos jovens guerrilheiros em meio à Copa do Mundo de 1970. Na televisão, telenovelas como

³ Nelson Rodrigues usou de seu sarcasmo para ironizar esse ranço intelectual com o futebol. Em crônica de 1965 dizia que a medida da estupidez humana é: "ser burro como um sociólogo". E continuou: "há três dias, aconteceu no Maracanã a batalha entre o Brasil e a Bélgica. Todos os brasileiros vivos e mortos estavam lá. Defuntos de algodão nas narinas atravessaram as borboletas. Tinham pulado os muros do além para torcer. Só um brasileiro faltou: – o sociólogo. Entre cento e tantos mil patrícios, não vi uma única e escassa flor da sociologia" (RODRIGUES, 1994: 96-97). A reflexão rodriguiana poderia ser reputada ao seu notório conservadorismo e oposição ao comunismo, todavia reflexões acerca desse ranço intelectual com o futebol foram tecidas também por "militantes" de esquerda, a exemplo de Carlos Heitor Cony, Henfil e Ferreira Gullar.

"*Irmãos Coragem*" (1969) e "*Vereda Tropical*" (1983) trataram o esporte como um mecanismo de ascensão social, problematizando-o em alguns aspectos. Finalmente, no cinema, alguns filmes conseguiram fazer uma mediação interessante entre o entorno sócio-político e a paixão esportiva, a exemplo de "*Garrincha, a alegria do povo*" (1963), "*Asa Branca, um sonho brasileiro*" (1981) e "*Boleiros*" (1994).

Aceitação e crítica. Expressão popular e alienação. Da teoria às práticas, passando pelas artes. Tradição e modernidade. O esporte, notadamente o futebol, foi uma das grandes produções culturais da modernização brasileira. Dito isso, qual a relação com o Cinema e a História?

Concordando com Charney e Schwartz (2004), o cinema é um dos grandes signos da modernidade, próprio de uma época que se pautava no visual e no sensorial. Entendo que o esporte, especialmente o futebol, funde-se ao cinema com as características próprias, apontadas pelos autores, desse novo modo de organização da vida: uma nova cultura urbana que impunha novas formas de entretenimento e lazer, fazendo avançar uma cultura comercial com grande escala de público (espectadores, torcedores e consumidores); uma centralidade do corpo que assiste, que executa, que representa, que é estimulado; por fim, uma polêmica indistinção entre a realidade e a representação desta.

Nessa dança imagética entre dois bens culturais de massa é imprescindível a ação da História como mediadora do avanço das relações sociais. Tornou-se fulcral, desde as reflexões de Walter Benjamin, Siegfried Kracauer e do ensaio clássico de Marc Ferro (1992), que o historiador ampliasse seu campo de visão para o cinema, entendido como um grande propagador, tanto de ideologias de manutenção da ordem, quanto de resistência ao *modus operandi*. Nesse sentido, concordando que estamos imersos na crise paradigmática da razão cartesiana da historiografia, é necessário incluir a relação Cinema-História como epicentro de uma nova razão investigativa. Para Nóvoa (2007), aceitando a imprescindibilidade da imaginação como ferramenta do historiador, a relação Cinema-História permite a percepção dos múltiplos elementos constitutivos da realidade, que a condiciona e/ou a transforma. Isso posto, conforme o cinema tem produzido impactos históricos significativos, ao questionar a História e educar a juventude, é fundamental inseri-lo num novo paradigma histórico, o da "razão poética"⁴.

⁴ Tal proposição aproxima-se da concepção que Julio Cabrera (2006) aponta para o cinema: uma experiência "logopática", ou seja, a problematização da racionalidade puramente lógica (*logos*) e a inserção do elemento afetivo (*pathos*) na compreensão da realidade. Torna-se então, um novo desafio de conceber o cinema, a filosofia e a história.

Se o cinema e o futebol possuem tal dimensão catártica e simbólica, o diálogo entre os dois possibilita-nos iluminar os processos históricos sob os quais se gestaram as práticas esportivas em meio à ditadura brasileira pós-1964. Isso posto esta pesquisa parte da seguinte questão: quais as representações do futebol expostas em filmes produzidos durante o período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), assim como em filmes posteriores a este período, mas que retrataram esse contexto de Estado de Exceção?

2. Objetivos

- Analisar as representações do futebol expostas em filmes produzidos durante o período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), assim como em filmes posteriores a este período, mas que retrataram esse contexto de Estado de Exceção;
- Realizar um amplo levantamento e catalogação de filmes nacionais que representaram o futebol no contexto histórico da Ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), enquadrando-os nos seguintes termos: filmes nos quais o futebol é elemento central na narrativa; filmes cuja inserção do futebol é relevante à narrativa; filmes nos quais o futebol é apenas referenciado, ainda que ligado ao contexto histórico;

3. Procedimentos Metodológicos

A ditadura civil-militar imposta ao Brasil na madrugada de 1º de abril, pode ser enquadrada como processo político de garantia de um projeto social, político e econômico com objetivos de estabelecer a ordem diante do avanço das reformas de base, imergir o país na lógica do capitalismo internacionalista e garantir a manutenção das oligarquias no poder.

A produção cinematográfica brasileira fez nascer, nesse entorno nebuloso, o Cinema Novo, com Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Ruy Guerra e outros, assim como o Cinema Marginal, capitaneado por Rogério Sganzerla e Júlio Bressane. Todavia, a "porno-chanchada" se tornou a tônica do cinema comercial brasileiro ao longo das décadas da ditadura, com algumas produções de maior requinte, geralmente amparada em textos literários, produzidas pela Embrafilme.

Em se referindo ao futebol, a produção cinematográfica no período dedicou-se, efetivamente, aos documentários biográficos de atletas, à paixão do torcedor e à narrativa de Copas do Mundo, envolvendo diretores como: Carlos Niemeyer, Carlos Hugo Schlesinger, Oswaldo Caldeira, David Neves, Eduardo Scorel, Paulo Laender e Ricardo Gomes Leite⁵. As

⁵ Para um apanhado de toda obra cinematográfica que tratou de esporte no Brasil, ao longo do século XX, ver o trabalho de Victor Melo (2004).

inter-relações entre futebol e política podem ser visualizadas em diversas obras emblemáticas para a sua visualização na ditadura militar tais como: O corintiano (Milton Amaral), O Barão Otelo no barato dos bilhões (Miguel Borges), Como ganhar na loteria sem perder a esportiva (J. B. Tanko), Os trombadinhas (Anselmo Duarte), Onda nova (Antônio Garcia e Ícaro Martins), Pra frente Brasil (Roberto Farias), O ano em que meus pais saíram de férias (Cao Hamburger), entre outros.

Entendemos que o esporte é um espaço de recriação cultural permanente. A ida ao estádio, ao cinema ou teatro, ou assistir à Copa do Mundo com a família frente à TV são rituais passíveis de reinterpretação, nunca são engessados e enquadrados dentro de racionalidades positivas⁶. Entendemos que as imagens têm um potencial pedagógico ilimitado, porém não acreditamos nas teses “conspiracionistas” de que as mensagens, sejam na música, na escola, na televisão, no cinema são aceitas linearmente de acordo com a intenção do emissor. Adotamos, por conseguinte, a notável reflexão de Hall (2006): o receptor, espectador ou torcedor pode decodificar qualquer mensagem conforme foi projetada pela intenção do emissor, operando dentro do código dominante; pode compreender e não compreender a mensagem, estabelecendo licenças e adotando uma postura negociada; finalmente, pode operar com uma codificação elaborada que se contraponha à mensagem, assumindo um código de oposição. Essa perspectiva insurge-se como uma postura não-colonialista. As consciências não são assaltadas, os homens não são feitos, fazem-se nos contornos de suas práticas e experiências. O cinema e o esporte, enquanto produtos e produtores da modernidade, passam por re-elaborações, reconstruções, formatações e padronizações técnicas. Por conseguinte, sua construção cotidiana, sua penetração nas diversas esferas institucionais, a exemplo da escola, suas demandas espetaculares vêm se produzindo em uma sociedade que se torna cada vez mais espetacularizada, por isso mesmo plena de contradições. Contradições que podem e devem explodir em toda sua plenitude visual, também, na sala escura do cinema.

Diante das possibilidades de representação do esporte no Cinema, antes de melhor expor as partes que compõem o atual estudo, torna-se necessário apresentar o conceito de “representação” e como se enquadra enquanto categoria analítica.

Partimos, portanto, da elaboração de Minayo (2013) na qual representação será a nossa categoria analítica, aquela que contém as relações sociais fundamentais para conhecimento de

⁶ O supracitado filme de Cao Hamburger ilustra essa impossibilidade, quando os estudantes militantes reúnem-se no Diretório Estudantil da Universidade para torcer contra o Brasil no primeiro jogo da Copa. Para um deles, “a vitória da Tchecoslováquia será a vitória do socialismo”. A comemoração do gol dos tchecoslovacos não resistiu à mágica do gol de empate de Rivelino quando o ardor revolucionário ruiu e converteu-se em euforia nacionalista. Euforia catapultada com a passagem do “furacão da Copa” e seus mais dois gols no jogo (“furacão da copa” foi a designação dada a Jairzinho pela imprensa internacional ao final do evento).

um objeto. De modo mais específico tomaremos, para efeito analítico, o conceito de “representação histórica” cunhado pelo historiador holandês Frank Ankersmit. Distante dos historiadores que operam sob uma lógica modernista de epistemologia dual, na qual, a realidade é distinta de sua representação linguística, Ankersmit (2012) ampara-se na virada linguística de fins do século XX para tecer o conceito de representação na qual o historiador cria, dá forma, conteúdo e sentido sobre os mundos e fatos narrados. Neste sentido, as representações, sejam elas de ordem textuais, gestuais, simbólicas ou iconográficas, desvelam, não a totalidade do objeto representado, mas aspectos relevantes do mesmo sob a perspectiva do narrador/historiador. Para Ankersmit (2012, p. 194):

cada representação arrasta consigo o seu próprio representado ou aspecto - da mesma forma que todos nós somos acompanhados por nossas sombras num dia de sol - e todos esses representados estão indissolivelmente ligados a uma representação específica correspondente a eles - e só a essa. Assim, do ponto de vista lógico, a representação é uma operação de três lugares, e não de duas: uma representação (1) define um representado (2) em termos dos quais o mundo (3) é visto - e devemos evitar a confusão entre (2) e (3).

Essa dimensão posta por Ankersmit desvela a preocupação central de quem busca construir ciência histórica, uma epistemologia que almeja a dialética entre representação e representado. A questão epistemológica essencial aqui é perceber como linguagem e realidade interagem revelando dimensões múltiplas de narrativas e experiências.

Os procedimentos de pesquisa são:

- a. revisão de literatura acerca da relação entre futebol, cinema e política no contexto da ditadura civil-militar brasileira;
- b. levantamento da produção cinematográfica nacional produzida no período da ditadura e posterior à mesma, na qual apresente o futebol como um dos elementos centrais na composição da narrativa, como um aspecto relevante na trama ou como mais um dos aspectos inseridos no contexto histórico;
- c. análise fílmica nos moldes de análise de conteúdo, conforme Penafria (2009), na qual se identifica a temática do mesmo, faz-se a decomposição para estabelecer a abordagem da temática e, por fim, estabelece nexos com a categoria central de análise, a representação histórica.

4. Revisão de literatura

O futebol no cinema:

Quando pensamos no âmbito da relação futebol e cinema é preciso voltar as décadas finais do século XIX, para entender como teve início essa ligação entre duas paixões contemporâneas mundiais. O futebol, enquanto jogo moderno foi criado na Inglaterra com a formação da The Football Association, cujas regras de 1863 são a base do desporto na atualidade, já o cinema, no ano de 1895 os irmãos Lumière criaram a partir do aperfeiçoamento do Cinetoscópio, o Cinematógrafo (de onde se originou o termo cinema). O aparelho desenvolvido por eles, filhos de um fotógrafo e proprietário de uma indústria de filmes e papéis fotográficos, é o ancestral da filmadora. Murad (2010), ao escrever sobre a relação futebol/cinema afirmou que:

Il cinema è un'invenzione senza futuro, disse Antoine Lumière, em 28 de dezembro de 1895, como pode ser visto hoje, no Museo Nazionale del Cinema, na cidade de Turim, Itália. Esta é tida como a data oficial da fundação do cinema, quando Auguste e Antoine Lumière exibiram seu primeiro filme, A saída dos operários das fábricas Lumière, no Grand Café de Paris. Instigante, para o que estamos pensando nos limites do presente artigo, é que **há um curta documentário, datado de 1897, que mostra os irmãos Lumière jogando uma partida de futebol. A “lata” original desta raridade encontra-se no Instituto Lumière, em Lyon, na França.** Podemos então arriscar e dizer que futebol e cinema têm uma história bem mais antiga do que habitualmente se imagina. (MURAD, 2010, p. 195. *Grifo nosso*)

Futebol e cinema chegaram ao Brasil entre o fim do século XIX e início do XX pelas mãos da elite endinheirada e com a ajuda de imigrantes, os quais já marcavam sua presença em nossa história e, na conjuntura referida, constituíam política de governo, como incentivo ao ingresso de mão-de-obra especializada, para fazer frente às novas necessidades do país. Isto nas primeiras épocas. Logo depois, tanto o futebol como o cinema passaram por um processo de popularização, cada um a seu jeito e a seu modo, mas ambos atingindo, em cheio, o gosto do brasileiro. (MURAD, 2010, p. 196)

Afim de demonstrar a afirmação anterior de que, futebol e cinema alcançaram os brasileiros de forma efetiva, Murad (2010) apresenta duas estatísticas que comprovam a veracidade das informações, quanto a aceitação do futebol em território brasileiro não restam dúvidas sobre o sucesso e paixão do povo por esta modalidade esportiva, com proporções menores mas não menos importante o cinema também é uma paixão do povo brasileiro, antes com mais investimento e apoio, hoje resiste em meio a tempos difíceis. Segundo Murad (2010):

No início do século, mais especificamente entre 1907 e 1911, o cinema brasileiro produziu cerca de 200 filmes por ano, com um público sempre crescente, de tal modo que, até o início dos anos oitenta, detinha 55% do nosso mercado interno, percentual admirável que nenhum outro cinema do mundo alcançou. **(O desmonte causado pela política do governo Collor atingiu em cheio o cinema brasileiro, ocasionando um retrocesso em todos os níveis, tanto na produção como na comercialização.)** Na relação ao futebol, na segunda metade dos anos dez, já estava espalhado de norte a sul, praticamente em todas as cidades grandes, médias e até pequenas. A partir dos anos 1920, essa tendência se aprofunda de forma avassaladora e irresistível, chegando, na contemporaneidade dos anos noventa, a um patamar ímpar: mais de 70% da preferência nacional (Ibope, 1996). E, de lá pra cá, com certeza, esse significativo percentual se manteve e até foi ampliado. Esta noção parece ser indiscutível. (MURAD, 2010, p. 196. *Grifo nosso*)

A disseminação do futebol e cinema no Brasil cumpriu caminhos diferentes. O cinema expandiu suas raízes junto à população brasileira porque transformou em tema elementos de forte significação para a nossa cultura, merecendo destaque a filmografia do Ciclo de Cataguases, da Chanchada, do Filme de Cangaço e do Cinema Novo. Diferentes projetos estéticos e ideológicos, convergentes, entretanto, no que diz respeito à construção de um panorama imagético da realidade brasileira, de alto valor para uma sociologia de nossa interpretação. (MURAD, 2010)

O futebol, como dito anteriormente em sua chegada oficialmente ao Brasil foi introduzido pelas elites racistas e excludentes. Aristocrático, branco, falando inglês do goleiro ao ponta-esquerda. Quando falamos sobre futebol e suas injustiças sociais no Brasil, não tem como passar sem citar a história do jogador do Fluminense, Carlos Alberto, um mulato que durante uma partida contra o time do América, em 1914, cobriu o corpo com pó de arroz para se passar por branco, um exemplo dramático da pressão dos setores conservadores contra a entrada dos negros no futebol.

Os primeiros clubes de futebol no Brasil impuseram critério de cor e classe. Barreiras sociais rígidas, verdadeira violência contra negros, mulatos e brancos pobres. Mas todo lado tem dois lados e, paralelamente a esta “história oficial”, elitista e racista, vinha sendo gestado, no seio das camadas populares, um processo subterrâneo, clandestino, de paixão, divulgação e práticas futebolísticas. Driblando com engenho e arte todas as interdições, por meio da várzea, das peladas e da periferia, pretos, mulatos e brancos pobres engendraram uma posição firme e marcante historicamente: a da apropriação e inversão do código vigente, isto é, a da popularização e democratização do futebol. Este processo, entranhado na realidade brasileira, atravessará os anos da belle époque, mais ou menos no anonimato (destaque para a fundação do Corinthians, em 1910, de origem realmente popular) e verá instalada e reconhecida a sua vigência, a partir da década de 1920, mais precisamente 1923, quando o Vasco da Gama foi campeão carioca – campanha extraordinária, quase invicta; perdeu somente uma partida para o Flamengo, por 3 x 2, no chamado “jogo das pás de remo”, onde os robustos remadores rubro-negros agrediam com as pás de remo os torcedores vascaínos. E foi bicampeão em 1924 (agora invicto) com um timaço de pretos e pobres, formado por Nelson, Mingote e Leitão; Nicolino (substituído por Brillante, em

1924), Bolão e Arthur; Pascoal, Torterolli, Arlindo (Russinho, em 1924), Ceci (Fernandes, em 1924) e Negrito. (MURAD, 2010, p. 198.)

Agora, sabendo das semelhanças entre futebol e cinema surge o questionamento por que tão pouca presença do futebol nas produções cinematográficas por todo mundo em relação a outras modalidades esportivas como: boxe, natação, beisebol...? Melo (2006), aponta dois principais motivos para essa menor aparição do futebol em comparação com as modalidades citadas acima. Em primeiro lugar estão as questões técnicas, diferente do boxe, da natação e de alguns outros esportes, o autor afirma que: “É muito difícil recriar artificialmente uma partida de futebol. Mesmo que encontrássemos um bom jogador de futebol que também representasse bem, algo pouco provável, é muito difícil recriar com exatidão as inusitadas e imprevisíveis situações de um jogo, um dos encantos, aliás, deste esporte.” (MELO, 2006, p.363).

Diferente dos esportes individuais no futebol a figura do craque (protagonista) é muito importante nas narrativas fílmicas e jornalísticas, este é um esporte coletivo 22 jogadores em campo mais comissões técnicas e árbitros que interagem o tempo inteiro, sendo assim fica difícil conseguir obter os efeitos que os esportes individuais permitem exponenciar, os embates típicos do cinema, “notadamente construídos a partir de uma dualidade maniqueísta: um herói e um bandido, o primeiro sempre se superando para enfrentar o segundo. Além disso, ainda que o futebol seja um jogo violento, esta dimensão não fica tão clara quanto no boxe, onde é sempre a tônica. Violência, sangue, suor são peças de grande valia para a composição de histórias notáveis”. (MELO, 2006, p.363). Outro ponto a destacar é um menor interesse do público norte-americano A principal indústria cinematográfica mundial ainda é a dos Estados Unidos. Como o público norte-americano tem menor interesse pelo “soccer”, isso também influencia na realização de um número menor de filmes onde o futebol está presente.

E no Brasil? País do futebol como o cinema representou e representa essa paixão nacional? De acordo com Murad (2010), o primeiro filme brasileiro sobre futebol é de 1908, realizado pela Foto Cinematografia Brasileira, do Rio de Janeiro, com fotografia e direção de Antonio Leal, imigrante português, um pioneiro e incentivador do cinema no Brasil. Após este filme sobre o match internacional Argentina 3 x Brasil 2, realizado em 11 de julho de 1908, nas Laranjeiras, campo do Fluminense no Rio de Janeiro, mais de vinte anos se passaram para que o futebol voltasse à nossa filmografia. (MURAD, 2010, p. 203.)

Melo (2006), ao escrever a respeito da relação futebol e cinema no Brasil, disse que:

De fato, o que há é um desconhecimento de nossa produção cinematográfica, uma restrição na consideração somente dos longa-metragens e uma comparação infundada com outros países: de nada adianta contrastar com outros esportes nos Estados Unidos, por exemplo; lá, na verdade, há mais filmes de qualquer tema. Segundo o levantamento que realizamos em mais de 4.500 longas brasileiros, entre 204 que de alguma forma representam o esporte, 117 trazem algo relacionado ao futebol. Obviamente que esse grau de presença é muito variável, havendo desde breves citações (por exemplo, no recente *Morro da Conceição*, 2005, de Cristina Grumbach, um dos entrevistados foi jogador; em *Ópera do Malandro*, 1985, de Ruy Guerra, há uma cena em um estádio); algum personagem da trama que é jogador (como no caso de *Bossa Nova*, 2000, de Bruno Barreto; ou *O Casamento de Louise*, 2001, de Betse Paula); passando por aqueles onde o futebol ocupa uma espaço de relativa importância (como no fundamental *Rio 40 graus*. (MELO, 2006, p.367).

A partir dos dados apresentados acima, é nítida a grande participação do futebol nas produções cinematográficas brasileiras. Murand (2010), ao falar sobre essa presença do futebol nas telas escreveu que: “O cinema brasileiro deu uma boa atenção ao universo do futebol, embora este merecesse bem mais, devido à sua simbologia e representação para o nosso cenário cultural, para o nosso ethos.” (MURAD, 2010, p. 194.).

Não poderíamos encerrar a escrita sobre futebol/cinema sem citar, *Prá Frente Brasil* (1982), dirigido por Roberto Farias. Em plena época de abertura política, o filme faz um paralelo entre o envolvimento popular com a Copa do Mundo de 1970, na qual o Brasil se sagrou campeão, e as torturas e movimentos de contestação do regime, desconfiando que o futebol possa ser utilizado com ópio do povo. Destacam-se ainda as polêmicas que esse filme desencadeou com a censura à época, o que levou inclusive ao pedido de demissão de Celso Amorim da presidência da Embrafilme. (MELO, 2006, p.368). De fato, futebol e cinema tiveram chegadas parecidas e trajetórias destoantes no Brasil, porém ambos conseguiram conquistar e tornarem-se paixões do povo brasileiro.

Futebol e Ditadura no Brasil (1964-1985):

É bem sabido que, o esporte tem uma grande capacidade de representação social e de caráter nacionalista. Para tal constatação, podemos observar a disputa no quadro de medalhas dos Jogos Olímpicos, sobretudo no período da guerra fria. Nos Jogos Olímpicos realizados no período da guerra fria, EUA e URSS travavam disputas acirradas pela primeira posição no quadro de medalhas, neste cenário cada medalha de ouro representava uma vitória contra o inimigo capitalista ou socialista. O estopim dessa disputa foram os boicotes aos Jogos Olímpicos de Moscow/1980, feito pelos EUA e seus

aliados, e o boicote feito pela URSS aos Jogos Olímpicos de Los Angeles/1984. O Brasil não é uma grande potência olímpica, por outro lado ainda possui um certo respeito mundialmente quando o assunto é futebol, Guterman (2006), ao tentar explicar como o fenômeno da paixão futebolística funciona no Brasil escreveu que:

O futebol funciona no Brasil como importante elemento de ruptura da sólida hierarquização social. Aliado a isso, esse esporte representa a materialização de um traço cultural crescentemente vitorioso e competente em meio a tantas derrotas. O futebol é, finalmente, o local da vitória dentro do respeito mais ou menos generalizado às regras, o que o torna ainda mais importante para o orgulho nacional. Por meio do futebol, o brasileiro médio se encontra, identificando ali um estilo efetivamente “brasileiro”, indistinguível em outras áreas, dominadas por elementos externos. (GUTERMAN, 2006, p. 29)

É a partir desta afirmação que nos propomos a escrever sobre como o futebol, foi utilizado durante o período mais temeroso da nossa história, a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Segundo Chain (2014), mesmo com a conquista de duas Copas do mundo consecutivas, em 1958 na Suécia e em 1962 no Chile. João Havelange, então presidente da extinta CBD, (Confederação Brasileira de Desportos) tinha dificuldades em conseguir apoio do governo federal para executar seus projetos esportivos. Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart não deram muita atenção a Havelange, apesar de Kubitschek e Goulart, vivenciarem conquistas de Copas do Mundo durante seus mandatos e, não obstante festejarem as mesmas, nem eles nem Jânio Quadros se aproximaram de Havelange para fomentar a elaboração de um plano nacional esportivo.

Ainda de acordo com Chain (2014), “O primeiro presidente da ‘era Havelange’- começada na CBD em 1958- que realmente atribuiu grande importância ao desporto brasileiro e a este dirigente, e inclusive se preocupou em elaborar um Plano Nacional para o esporte brasileiro foi Artur da Costa e Silva” (CHAIN, 2014, p.50).

A aproximação entre o presidente da República e o presidente da CBD, intensificou-se dentro de um momento político tenso no Brasil, no ano de 1968 Costa e Silva na tentativa de conter as manifestações populares contra seu governo militar, mandou prender líderes da União Nacional dos Estudantes (UNE). Mesmo com a crescente repressão militar aos movimentos populares de oposição ao governo, o levante popular crescia nas ruas manifestando-se através de greves e passeatas. Foi então que o presidente Costa e Silva mandou chamar o presidente e vice-presidente da CBD para uma reunião, tendo em vista o momento político crítico Havelange aproveitou para solicitar o andamento do projeto da loteria esportiva, recebendo então chancela do presidente para

executá-lo. De acordo com Chain (2014), nesta reunião, o presidente da República externou sua preocupação com o bom andamento do esporte brasileiro e especificamente com o desempenho da representação nacional na Copa do Mundo de Futebol de 1970:

- Eu acho, realmente, que o Brasil não pode perder este campeonato [a copa de 1970]. Temos que dar um jeito de qualquer forma [...]. Em 1970 o Brasil estará disputando a taça do mundo. Como presidente, gostaria que o povo brasileiro, ainda na minha gestão, festejasse a conquista. Precisamos combinar bem tudo isso, pois afinal de contas em 1970 eu ainda estarei no governo e não vou gostar nada de ter perdido este campeonato. (A GAZETA ESPORTIVA, 1968, p.8 *apud* CHAIM, 2014, p.43)

Neste trecho, podemos identificar o grande interesse do então presidente da República no desempenho brasileiro nos esportes, em específico, na seleção brasileira de futebol, sobretudo na disputa da Copa do Mundo de 1970 que seria realizada no México. Uma semana após este encontro, o presidente Costa e Silva decretou o Ato Institucional número 5 (AI-5)¹. A partir deste decreto, vários campos da sociedade dentre eles, político, cultural e esportivo passaram a estar sob intervenção direta do governo, o esporte e principalmente o futebol passou a assumir o papel de agente do fortalecimento de identificação civil dos brasileiros com a nação.

Apesar de tamanho esforço para que o Brasil tivesse êxito no campeonato mundial de futebol de 1970 ainda durante o seu governo, Costa e Silva não pode realizar o seu desejo, em 30 de setembro de 1969 teve que deixar o cargo devido a problemas de saúde, deixando assim a cadeira de presidente vaga para o seu sucessor Emílio Garrastazu Médici, que assumiu o governo no dia 30 de outubro do mesmo ano.

Uma vez empossado no cargo de presidente, Médici teria a missão de controlar as manifestações que surgiam em detrimento das insatisfações do povo com o regime militar. Visto que, meses após tomar posse do seu mandato o Brasil disputaria a Copa do Mundo de futebol no México, uma das estratégias da sua equipe de governo foi associar a imagem do presidente a de um torcedor comum, como qualquer outro torcedor da seleção brasileira de futebol, entretanto, essa não foi uma tarefa difícil uma vez que o presidente era um exímio apaixonado pelo futebol e pela seleção brasileira, segundo Guterman (2006):

Dentro do governo, ministros importantes tratavam de dar publicidade a essa característica do presidente, vinculando-a à “brasilidade” de Médici e à sua

¹ O AI-5 foi o quinto decreto emitido pelo governo militar brasileiro (1964-1985). É considerado o mais duro golpe na democracia e deu poderes quase absolutos ao regime militar. Redigido pelo ministro da Justiça Luís Antônio da Gama e Silva, o AI-5 entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do então presidente Artur da Costa e Silva.

condição de “homem comum”. Jarbas Passarinho, que ocupava a pasta da Educação, era um dos mais eufóricos: “Todos conhecem seu nacionalíssimo gosto pelo futebol. Dou meu testemunho da emoção com que o presidente assistiu a todos os jogos, torcendo com o entusiasmo do brasileiro normal e do homem comum que o elevado cargo não modificou”. (GUTERMAN, 2006, p. 57)

Outro fato que aproximava Médici de um torcedor comum era o fato de o presidente gostar de dar palpites sobre os jogos da seleção, inclusive cravou o placar de 4x1 na final da Copa no confronto entre Brasil e Itália. Constatado o envolvimento de Médici com o futebol, à medida que o sucesso da seleção brasileira foi se tornando concreto, militares e políticos civis procuraram capitalizar esses resultados. Uma das estratégias era vincular o sucesso no futebol a projetos oficiais do governo, conforme descreve Guterman (2006):

Numa ação de oportunismo explícito, o governo decidiu lançar o “Fundo Pelé de Educação”, para arrecadar dinheiro “para as criancinhas pobres”, como pedira Pelé ao marcar seu milésimo gol, em novembro de 1969. Seria lançado um carnê cujo pagamento daria direito a adquirir um livro sobre Pelé e sua trajetória de menino pobre até o estrelato. O próprio jogador aceitou fazer a campanha -- o mesmo Pelé que não participou da Copa de 1974 segundo ele por discordar do uso político que os militares faziam do futebol. Não há informação se esse fundo foi adiante, mas tais iniciativas não eram incomuns na época. (GUTERMAN, 2006, p. 63)

Através destes relatos podemos perceber que sim, o futebol teve grande uso político por parte dos governos no período da ditadura militar, sobretudo para ressaltar a “soberania nacional” e com a conquista “a união do povo”, afinal o país estava em festa, deixando assim naquele momento as diferenças de lado. Assim como mostra o relato de Guterman (2006):

No dia do tricampeonato, Médici foi fotografado com uma bandeira brasileira não em pose cerimonial, mas com gestos característicos de quem estava sinceramente comemorando o título mundial. Consta que, dois dias depois, quando recebeu a seleção em Brasília, chorou de emoção. “Este é o maior dia de minha vida”, disse o presidente aos que o acompanhavam. O relato da festa junto com os jogadores mostra a catarse em seu nível máximo, como se a seleção fosse um grupo de guerreiros que acabava de trazer a cabeça do inimigo ao rei: (GUTERMAN, 2006, p. 61)

Em meio a toda essa comemoração com o título e a recepção da seleção, o governo aproveitou para espalhar sua propaganda, um discurso de união para a nação, “Somente com a nossa união, somente com a ordem, com a soma da vontade de todos, com a soma da energia de todos, com trabalho, serenidade, coragem, inteligência, determinação e patriotismo, com a participação de todos os brasileiros haveremos de fazer a década que se inicia, sob o signo da Taça de Ouro, a década de ouro do Brasil”. (GUTERMAN, 2006,

p. 129). Apesar das grandes comemorações, o povo ainda cobrava para que assim como no futebol o país pudesse avançar em suas conquistas sociais e democráticas.

Após a conquista da Copa de 70, o futebol brasileiro não poderia ficar fora do projeto de integração nacional, até mesmo pelo fato que o futebol foi um instrumento de potencialização da onda nacionalista difundida pelos militares. Em 1971, o torneio “A Taça de Prata” foi abandonado para a criação do Campeonato Brasileiro de Futebol, campeonato este, que anos antes só era disputado por clubes do eixo Rio-São Paulo, essas mudanças não aconteceram aleatoriamente, faziam parte do plano de integração nacional.

Durante a implementação das medidas do plano nacional, as regiões Nordeste e Norte tornaram-se cada vez mais presentes nos grandes eventos futebolísticos que ocorreram no país. Neste ponto, deve-se destacar dois eventos centrais: o Campeonato Brasileiro – ou o Campeonato Nacional – realizado anualmente, e a taça da independência, que seria realizada em 1972 em comemoração aos 150anos de aniversário da independência do Brasil. (CHAIN, 2014, p. 105)

Um dos últimos atos de Médici como presidente foi a profissionalização do futebol, até então a profissão de jogador não era legalizada. Em 1974 a seleção brasileira de futebol perdeu a Copa do Mundo, torneio este que fora realizado na Alemanha ocidental, com a anfitriã sagrando-se campeã. Neste mesmo ano, em novembro. Ernesto Geisel venceu as eleições para presidência da República, Geisel representava uma linha mais legalista que seus antecessores. De acordo com Chain (2014): “Desde sua posse ele já acenava com a intenção de promover uma distensão política gradual e segura, diferentemente de seus antecessores, Geisel não prometia a redemocratização imediata, mas, um aperfeiçoamento democrático gradual e seguro, que visava à institucionalização dos princípios revolucionários.” (CHAIN, 2014, p. 114).

Com o fim da era Médici, a era Havelange como presidente da CBD chegou ao fim, João assumiria a presidência da FIFA (Federação Internacional de Futebol) logo depois, com o cargo vago na CBD, Heleno Nunes assumiu a chefia dos esportes no Brasil. No final da década de 1970 pode-se assistir ao fim do Ato Institucional número 5, que durante uma década rasgara os direitos constitucionais da população, bem como ao processo de anistia política que assegurou a volta de muitos brasileiros ao convívio da comunidade nacional.

Enquanto o lado político apresentava pequenos sinais de mudança para a volta da democratização, no futebol a seleção já não era a mesma dos anos de ouro do Brasil, de acordo com Fraga (2011):

A seleção brasileira era agora outra. Em dez anos, a geração de Pelé já havia se aposentado (inclusive o próprio) ou encontrava-se em fim de carreira. Em seu lugar, uma nova vaga de promissores valores havia surgido, tais como Zico, Sócrates ou Falcão. As copas de 1974 e 1978 já haviam passado, deixando sua frustração – um quarto lugar em 1974 com um futebol tão somente razoável, seguido de um terceiro lugar na Argentina que, apesar de suspeito, não ocultou mais uma participação apenas mediana – e a convicção de que militarização e futebol estavam longe de ser grandezas destinadas a gerar bons frutos quando somadas. Agora, sob o comando do experiente técnico Telê Santana, o Brasil se preparava para a décima segunda Copa do Mundo, a ser disputada no ano seguinte, na Espanha. (FRAGA, 2011, p.13)

No campo econômico a fase não era das melhores, o Brasil vivia um momento de crise econômica, além da crise política que sempre existiu no período da ditadura. Neste contexto, o futebol passava a possuir um significado diferente daquele da grande conquista no México. Com efeito, de elemento de coesão social, o futebol passava a ser lido como um instrumento paliativo para o ânimo nacional diante do quadro de crise. O fato é que, mesmo com bons times a seleção não conseguiu repetir o feito da Copa de 70, o Brasil só conseguiu voltar a mais alta glória do futebol mundial no ano de 1994, quase uma década após o fim do regime militar brasileiro que se encerrou no ano de 1985, com a eleição de Tancredo Neves, primeiro governo civil desde 1964. Tancredo, praticamente não exerceu o cargo, morreu em 21 de abril de 1985, deixando assim o seu vice José Sarney no poder.

5. Resultados e discussões

Dando sequência as atividades do projeto, fizemos dois levantamentos a respeito das produções cinematográficas brasileiras que apresentassem relações com o futebol e com a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985).

Este levantamento foi realizado a partir do livro FOME DE BOLA: Cinema e Futebol no Brasil, de Luiz Zanin Oricchio (2006). Os filmes identificados a partir de (2006) foram

coletados no site da Cinemateca Brasileira a partir do descritor Futebol no campo de “Título da obra” e “Assuntos – descritores livres”².

Para organização e sistematização dos materiais encontrados fizemos uso do editor de textos “Word” (Microsoft Office), em que, em um documento do referido programa computacional criamos dois quadros, em ambos os quadros as produções foram agrupadas conforme ano de lançamento, título e direção. Vale ressaltar que, em obras com mais de um diretor (a) por questões de organização, foram inseridos apenas o primeiro responsável pela direção.

O (quadro 1) corresponde ao levantamento das produções cinematográficas realizadas no Brasil durante o período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), em que o futebol se fez presente na construção da narrativa fílmica, atendendo a estes critérios foi possível identificar uma quantidade (93) produções cinematográficas.

Já no (quadro 2) agrupamos as produções cinematográficas brasileiras produzidas sobre a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), em que o futebol se fez presente na construção da narrativa fílmica, foi possível identificar uma quantidade (19) produções cinematográficas.

Quadro 1: Futebol no cinema durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985).

Ano	Título	Direção
1965	Esportes no Brasil.	Maurice Capovilla.
1965	A falecida.	Leon Hirszman.
1965	Subterrâneos do Futebol.	Maurice Capovilla.
1965	Santos Futebol Clube.	Roberto Santos.
1966	O Corintiano.	Milton Amaral.
1967	Heleno de Freitas.	Gilberto Macedo.
1969	Campeonato Colegial de Esportes.	José A. Carvalho.
1969	Evolução do Futebol Brasileiro.	Hector Babenco.
1969	Futebol Brasileiro.	Dale Pucket.
1969	Futebol, como Exemplo.	Paulo A. Moreira Camargos.
1969	Superstição e Futebol.	Sylvio Lanna.
1969	Voltar é Conquistar Duas Vezes.	Aécio de Andrade.
1969	Aconteceu no Maracanã.	Nilo Machado.
1969	Adultério à Brasileira.	Roman Stubach.
1969	Como Vai, Vai Bem?	Walkíria Salvá.
1969	Máscara da Traição.	Roberto Pires.
1969	O Rei da Pilantragem.	Jacy Campos.

² Consulta ao site da Cinemateca Brasileira em 2 de fevereiro de 2021. Disponível em: <http://bases.cinemateca.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/>

1970	Um Jogo de Futebol no Maracanã.	Demerval Netto.
1970	Brasil x Itália.	Carlos Niemeyer.
1970	Brasil x Tchecoslovaquia.	Carlos Niemeyer.
1970	Brasil x Uruguai.	Carlos Niemeyer.
1970	A Matemática e o Futebol.	Sanin Cherques.
1970	Dente de Leite.	Flávio Portho.
1970	Tostão, a Fera de Ouro.	Paulo Leander.
1970	Pelé.	Daniel Fernandes.
1970	A Bola.	Carlos A. de Souza Barros
1971	Bola de Meia.	Carlos Couto.
1971	Parabéns, Gigantes da copa.	Hugo Schlesinger.
1971	Como Ganhar na Loteria sem Perder a Esportiva	J. B. Tanko.
1971	O Barão Otelo no Barato dos Milhões.	Miguel Borges.
1971	O Bolão.	Wilson Silva.
1971	Tô na Tua, Bicho.	Raul Araújo.
1972	O Anjo Negro.	José Umberto Dias.
1972	Receita de Futebol.	Carlos Diegues.
1972	Esportes no País do Futebol.	Domingos Oliveira.
1972	Viver é Uma Festa.	José Carlos Avellar.
1972	Receita de Futebol.	Carlos Diegues.
1972	Pânico no Império do Crime.	Ary Fernandes.
1973	Ensaio Urbano.	Demerval Netto.
1973	O Mestre e Seu Método.	Saul Lansa.
1973	Detetive Bolacha contra o Reino do Crime.	Tito Tejido.
1973	Bandeiras e Futebol.	Hugo Kusnet.
1973	O Fraco do Sexo Forte.	Osíris Parcifal de Figueroa.
1974	Futebol Brasileiro: Administração.	André Palluch.
1974	Futebol Brasileiro: Exame Médico e Tratamento	Júlio Heilbron.
1974	Futebol Brasileiro: Preparação Física.	André Palluch.
1974	Futebol Brasileiro: Tática.	André Palluch.
1974	Futebol Brasileiro: Testes de Capacidade Física	Júlio Heilbron.
1974	Brasil Tricampeão.	Rogério Martins.
1974	Futebol Total.	Oswaldo Caldeira.
1974	Isto é Pelé.	Luiz Carlos Barreto.
1974	Passe Livre.	Oswaldo Caldeira.
1974	História do Brasil.	Glauber Rocha.
1974	Os Índios Kanela.	Walter Lima Jr.
1974	Um Edifício Chamado 200.	Carlos Imperial.
1975	Lição de Amor.	Eduardo Escorel.
1975	O Futebol no Brasil.	Paulo Bastos Martins.
1976	Núpcias com Futebol.	Ary Fernandes.
1976	Tem Folga na Direção	Victor Lima.
1976	Chacal é o Juiz.	Luiz Alphonsus Guimaraes.
1977	Jecão... Um Fofoqueiro no Céu.	Pio Muzzer.

1977	Raízes Populares do Futebol.	Maurice Capovilla.
1977	Essa Freira é uma Parada.	Roberto Machado.
1978	Meu Glorioso São Cristóvão.	Ney Costa Santos.
1978	O Incrível Mané Garrincha.	Aécio de Andrade.
1978	Homem de Seis Milhões de Dólares contra as Panteras.	Luís Antonio Piá.
1978	Brasil Bom de Bola (2).	Carlos Niemeyer.
1978	Mané Garrincha.	Fábio Barreto.
1978/80	Todo Mundo.	Thomaz Farkas.
1979	Copa 78 – o Poder do Futebol – 215.	Maurício Sherman.
1979	Futebol 3 – Jogo dos Homens.	Roberto Moura.
1979	Futebol 3 – Meio de Vida.	Roberto Moura.
1979	Futebol 3 – Zona do Agrião.	Roberto Moura.
1979	É Isto Aí.	Rita Benchimol.
1979	Os Trombadinhas	Anselmo Duarte.
1979	O Torneio Amílcar Cabral.	Jom Tob Azulay.
1979	Domingo do Gre-Nal.	Pereira Dias.
1979	A Bola da Escola.	José Antonio Garcia.
1980	Flamengo Paixão.	Davi Neves.
1980	O Jogo da Liberdade.	Sérgio Baker.
1980	Cinema e Futebol.	David E. Neves.
1980	Um x Flamengo.	Ricardo Solberg.
1980	Fica Comigo Esta Noite.	Fauzi Mansur.
1981	Asa Branca, um Sonho Brasileiro.	Djalma Limongi Batista.
1982	Gaviões.	André Klotzel.
1982	Três Palhaços e o Menino.	Milton Alencar Jr.
1983	No Vai da Várzea.	Rodolfo (Ruda) A. Lopes.
1983	Gol.	Maurício Squarisi.
1983	Pra Frente, Brasil.	Roberto Farias.
1983	Onda Nova.	José Antonio Garcia.
1985	O Futebol que elas Gostam (A Pelada do Sexo).	Mário Lúcio.
1985	Treze Pontos.	Alonso Gonçalves.
1958	Projeto Zico.	Rogério Steinberg.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 2: Futebol e Ditadura brasileira no cinema

Ano	Título	Direção
1965	Subterrâneos do Futebol.	Maurice Capovilla.
1974	Brasil tricampeão	Rogério Martins
1974	Passe Livre.	Oswaldo Caldeira.
1979	Copa 78 – o Poder do Futebol – 215.	Maurício Sherman.
1979	Futebol 3 – Meio de Vida.	Roberto Moura.
1979	Futebol 3 – Zona do Agrião.	Roberto Moura.
1979	Os Trombadinhas	Anselmo Duarte.
1981	Asa Branca, um Sonho Brasileiro.	Djalma Limongi Batista.

1983	Gol	Maurício Squarisi
1983	Onda Nova.	José Antonio Garcia.
1983	Pra Frente, Brasil.	Roberto Farias.
2003	Casseta e Planeta – a taça do mundo é nossa	Lula Buarque
2006	O ano em que meus pais saíram de férias	Cao Hamburger
2010	Meninos de kichute	Luca Amberg
2011	João Saldanha	Beto Macedo; André Iki Siqueira
2014	Democracia em preto e branco	Pedro Asbeg
2014	As grandes entrevistas do Pasquim – Tostão	André Weller
2015	O roubo da taça	Caíto Ortiz
2018	Campo de batalha: o futebol e a guerra fria – Episódio 3: Dribles, ditadura e degelo	Fabiano Maciel

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir deste levantamento, decidimos realizar a análise do filme “Asa Branca, um Sonho Brasileiro.” (1981) direção de Djalma Limongi Batista, nos moldes da análise de conteúdo, conforme Penafria (2009), na qual se identifica a temática do mesmo, faz-se a decomposição para estabelecer a abordagem da temática e, por fim, estabelece nexos com a categoria central de análise, a representação histórica.

O filme “Asa branca, um sonho brasileiro.” É uma produção nacional do gênero drama, a trama conta a história de um jovem “Asa branca” (Edson Celulari) do interior de São Paulo que tinha um sonho de ser jogador profissional de futebol.

A história começa retratando a sua humilde família e sua infância no interior do estado de São Paulo nas décadas de 50 e 60. Aos 17 anos teve sua primeira oportunidade em um clube de sua cidade (Mariana, cidade fictícia), no Comercial, time de pouca relevância no município teve como treinador o “Geraldão” (Eduardo Abbas), ao qual tinha como um pai no mundo da bola. Em seu primeiro jogo um clássico local contra o Sport, Asa fez três dos quatro gols marcados por sua equipe na vitória por 4 x 0. Depois desta exibição de gala, o Sport decide comprá-lo junto com seu melhor amigo “Poca” (César Augusto).

Em sua chegada ao novo time, logo de cara teve graves discussões como o novo técnico por conta de sua indisciplina. O treinador fez de tudo para que fosse punido e afastado da equipe, porém o seu talento em campo o permitiu que continuasse no time e fosse o protagonista da conquista da Taça JG. Depois desta conquista, se tornou um astro em sua cidade, despertando olhares do time da capital paulista “Bandeirantes” (fictício). Novamente apresentou problemas de indisciplina e relacionamento com os atletas, além de sofrer por estar longe de sua família e se adaptar ao grande centro urbano que é a capital São Paulo.

Depois de um tempo conseguiu construir um relacionamento melhor com seus companheiros, mas continuava na reserva e sem conseguir demonstrar seu futebol, até que um dia em passeio a praia resolveram fazer uma “pelada” na areia, Asa destruiu na partida uma exibição de gala com belos gols e assistências despertando o interesse de um empresário que assistia ao jogo. Não demorou e o cartola acionou o técnico da equipe “Ianni” (Lineu Dias), logo conquista a titularidade e ganha destaque nacional, se tornando mais uma vez o craque do time.

Com toda fama e respaldo, é convidado pelo presidente do clube para um encontro entre pessoas da elite paulistana. Mal sabia o cartola que Asa seria enganado por sua esposa ao seduzi-lo e terem um encontro íntimo durante a festa, a cena conta com a trilha sonora de "Saudosismo", de Caetano Veloso, cantada por Cida Moreira.

O ponto alto da trama foi quando Asa Branca em meio a reserva do time e enfrentando vários problemas, sonha que está jogando bola com Garrincha no Maracanã, usando o uniforme da seleção brasileira. Esse encontro de craques marcou a única aparição do “Anjo das Pernas Tortas”, que tinha 48 anos época, nas telas do cinema. O filme se encerra com o auge da carreira de Asa Branca, quando leva a seleção brasileira à conquista da terceira Copa do Mundo em 1970.

Um filme do início da década de 80, produzido a partir do discurso do vencedor reflete até os dias de hoje a realidade de milhares de jovens país a fora, sonhadores assim como Asa branca que sonhou em viver do futebol e ajudar a sua família, porém 4 décadas depois os problemas parecem ser os mesmos, sair de suas cidades, deixar suas famílias e partir em busca do sonho, “Asa Branca, um Sonho Brasileiro.” (1981), o discurso da narrativa vencedora do jovem menino contrastava com a realidade dos anos 80, uma nação governada por ditadores e sob diversas censuras a arte e opositores. Era um povo que já não sonhava, a seleção brasileira já vinha de dois fracassos consecutivos na Copa do Mundo de 1974 disputada na Alemanha ocidental e em 1978 na Argentina, agravando assim o sentimento de desalento do povo brasileiro.

Oricchio (2006), ao falar sobre a relação do cinema no tempo da ditadura escreveu que: “Nos anos 60, os rapazes do Cinema Novo entenderam que filmes podiam exercer função crítica e discutir política. Depois o cinema compôs-se com a ditadura, apostou no espetáculo ao longo da década de 70 e teve êxito; enfraqueceu-se aos poucos nos anos 80 e quase morreu de choque anafilático com a vacina neoliberal que lhe aplicaram. Renasceu em meados dos anos 90 e, redivivo, reaprendeu a gostar do futebol.”

(ORICCHIO, 2006, p.23). Realmente foi isso que aconteceu a onda do espetáculo e discurso de união e orgulho da nação deram tona as produções na época da ditadura, com excessões é claro, dentre elas o filme “Prá frente Brasil” (1982).

“Prá Frente Brasil” (1982), dirigido por Roberto Farias. Em plena época de abertura política, o filme faz um paralelo entre o envolvimento popular com a Copa do Mundo de 1970, na qual o Brasil se sagrou campeão, e as torturas e movimentos de contestação do regime, desconfiando que o futebol possa ser utilizado com ópio do povo. O fato é que um filme como Pra Frente Brasil só se tornou possível mais de dez anos depois do momento histórico que descreve.

No começo dos anos 1980, quando Pra Frente Brasil é lançado, o futebol brasileiro não era tão vencedor como antes e nem a ditadura parecia tão sólida como na época do milagre, conquista da Copa de 70 no México, porém o filme causou um abalo as pessoas que estavam no poder. “Destacam-se ainda as polêmicas que esse filme desencadeou com a censura à época, o que levou inclusive ao pedido de demissão de Celso Amorim da presidência da Embrafilme.” (MELO, 2006, p.368).

6. Conclusões

Concluimos que ao investigar a relação futebol/cinema no Brasil percebemos que existe mais produções do que se imagina e menos que o necessário pois entendemos que o futebol como fenômeno social cultura e ampla paixão nacional merece bastantedestaque nas produções cinematográficas.

Durante nosso levantamento a respeito das produções cinematográficas brasileiras que apresentassem relações com o futebol e com a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Chegamos ao quantitativo de (93), este número nos mostra que sim, existe uma forte relação entre futebol e cinema no brasil e não obstante, o quantitativo de (19) produções cinematográficas, sobre a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), em que o futebol se fez presente na construção da narrativa fílmica mostra que o futebol também foi utilizado para representar o período mais temeroso da nossa história.

Constatamos que o futebol foi utilizado como grande instrumento de propaganda política no período da ditadura, a conquista da Copa do Mundo de 1970 caiu como uma luva para o discurso nacionalista do então governo de Emílio Garrastazu Médici, essa conquista reverberou nas telas do cinema, em sua maioria apresentando a conquista do

título e propagando o discurso de que o Brasil estava na era das conquistas. Uma falácia, afinal o país estava desolado e sofrendo as repressões impostas pelo regime ditatorial, “Prá Frente Brasil” descreve excepcionalmente bem o que de fato acontecia na realidade, esta obra se faz necessária nos dias atuais. Presenciamos o uso político que teve a edição da Copa América no ano de 2021, em pleno auge da pandemia no Brasil. Enfim, futebol cinema e ditadura estiveram ligados durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), tanto como propaganda política quanto em menor frequência como uma crítica ao regime, o fato é que esses dois fenômenos culturais estão na paixão do povo brasileiro, estejamos atentos as próximas cenas.

7. Perspectivas de trabalhos futuros

- Transformar o trabalho em artigo para publicação.
- Enviar o trabalho para eventos locais/nacionais/internacionais, a depender dos acontecimentos após a pandemia.

8. Outras atividades

Enquanto participante da iniciação científica, estive como membro do grupo de estudos Cinema-História/UFS sob direção do orientador do referido projeto, esta classe conta com 11 participantes e encontros quinzenalmente, aos quais nos reunimos para discutir e aprofundar o debate sobre a relação Cinema-história.

9. Referências:

ANDRADE, Victor Melo de. Futebol e cinema: relações. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 362-370, 2006.

ANKERSMIT, F.R. **A escrita da história**: a natureza da representação histórica. LondrinaEduel, 2012

ASA Branca - Um Sonho Brasileiro. Direção de Djalma Limongi Batista. Intérpretes: Edson Celulari, Eva Wilma, Walmor Chagas, Gianfrancesco Guarnieri, Rita Cadilac, Mira Haar, Ruth Rachou, Yara Jamra, Geraldo del Rey. Convidados: Mané Garrincha e Mário Américo.. Música: Canção Saudosismo, de Caetano Veloso, na Voz de Cida Moreira. 1980. (90 min.), P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EOvQIHqTvU>. Acesso em: 15 jul. 2021.

AZEVEDO, S. C. S. **Regime militar**: entre tapas e beijos - uma análise das peças publicitárias na era Médici. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira,

2006.

CABRERA, J. **O Cinema pensa**: uma introdução à Filosofia através dos filmes. São Paulo: Rocco, 2006.

CHAIM, Aníbal Renan Martinot. **A bola de chumbo**: futebol e política. 2014. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Departamento de Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. R. Introdução. In: _____(Org.). **O cinema e a invençãoda vida moderna**. 2. ed. rev. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 17-29.

DA MATTA, R. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In:et alli. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 19-42.

DANTAS JUNIOR, H.S. Futebol e ditadura: representações no cinema brasileiro. **O Olho da História**, Salvador, n. 18, p. 1-8, jul. 2012.

FERRO, M. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRAGA, Gerson Wasen. Futebol, imprensa e ditadura: Das formiguinhas de Geisel à abertura de Telê. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 17, 2011, São Paulo/SP. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011.

FRANCO JUNIOR, H. Brasil, país do futebol? **Revista USP**, São Paulo, n. 99, p. 45-56, set./out./nov. 2013.

GABEIRA, F. **O que é isso, companheiro?** São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

GASPARI, E. **A ditadura envergonhada**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GOMES, D. **Campeões do mundo**: mural dramático em dois painéis. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: o caso da Copa de 70. 2006. 140 f. Dissertação(Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MELO, V. **Esporte, arte, imagem, cinema**: relações originais na modernidade. 2004. 172 f. Relatório (Pós-Doutorado em Estudos Culturais) - Programa Avançado de Cultura Contemporânea, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: a pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2013.

MURAD, Mauricio. FUTEBOL E CINEMA NO BRASIL: um enredo. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 191-206, 2010.

NÓVOA, J. Apologia da relação Cinema-História. In: BARROS, J. D.; NÓVOA, J. (Org.). **Cinema-História**: ensaios sobre a relação entre cinema e história. Rio de Janeiro: Apicuri, 2007, p. 57-86.

ORICCHIO, Luiz Zanin. **Fome de Bola**: cinema e futebol no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. 490 p.

PENAFRIA, M. Análise de filmes – conceitos e metodologia(s). In: CONGRESSO SOPCOM, 6, 2009, Lisboa. **Anais...** Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, abr. 2009. 1 CD-ROM.

SIRKIS, A. **Os carbonários**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998

